



A PROMOÇÃO DA SAÚDE E SUA ARTICULAÇÃO COM O TRABALHO NA ORGANIZAÇÃO PÚBLICA:

UMA INTERFACE COM OS PROGRAMAS DESENVOLVIDOS PELA ESCOLA DE GESTÃO PÚBLICA – PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE/RS/BRASIL.

HEALTH PROMOTION AND ITS RELATIONSHIP WITH PUBLIC ORGANIZATION WORK:

AN INTERFACE WITH THE PROGRAMS DEVELOPED BY THE PUBLIC MANAGEMENT SCHOOL – CITY HALL IN PORTO ALEGRE / RS / BRAZIL

RESUMO O presente artigo tem como propósito analisar aspectos envolvidos na promoção da saúde e sua articulação com o trabalho na esfera pública, através de programas desenvolvidos na Escola de Gestão Pública (EGP) da Secretaria Municipal de Administração (SMA) – Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA)/RS/Brasil - na área de Saúde Ocupacional, com a perspectiva de aproximar as práticas em saúde e os programas de incentivos existentes (projetos de capacitação e qualificação).

Buscamos, para tanto, referenciais teóricos sobre a historicidade da promoção e educação em saúde, bem como sobre trabalho e saúde. Constata-se, a partir dos resultados desse estudo, que a implementação de projetos que proporcionem ao servidor refletir sobre seu papel profissional e, conseqüentemente, tornar-se sujeito atuante e participante frente ao processo de trabalho e de promoção da saúde, é viável e extremamente importante na esfera pública organizacional.

ABSTRACT This article aims to examine issues involved in health promotion and its articulation with the work in the public sphere, through programs developed at the School of Public Management (EGP) of Municipal Administration (SMA) – Municipality of Porto Alegre (PMPA) / RS / Brazil – from the Occupational Health department, with the prospect of bringing health practices and existing incentive programs (capacity building projects and qualification). We seek to do so, theoretical frameworks on the historicity of the promotion and health education as well as on work and health. It appears, from the results of this study that the implementation of projects that provide the server to reflect on their professional role and, consequently, become subject and active participant in front of the work process and health promotion is feasible and extremely important in public organizations.

PALAVRAS-CHAVE

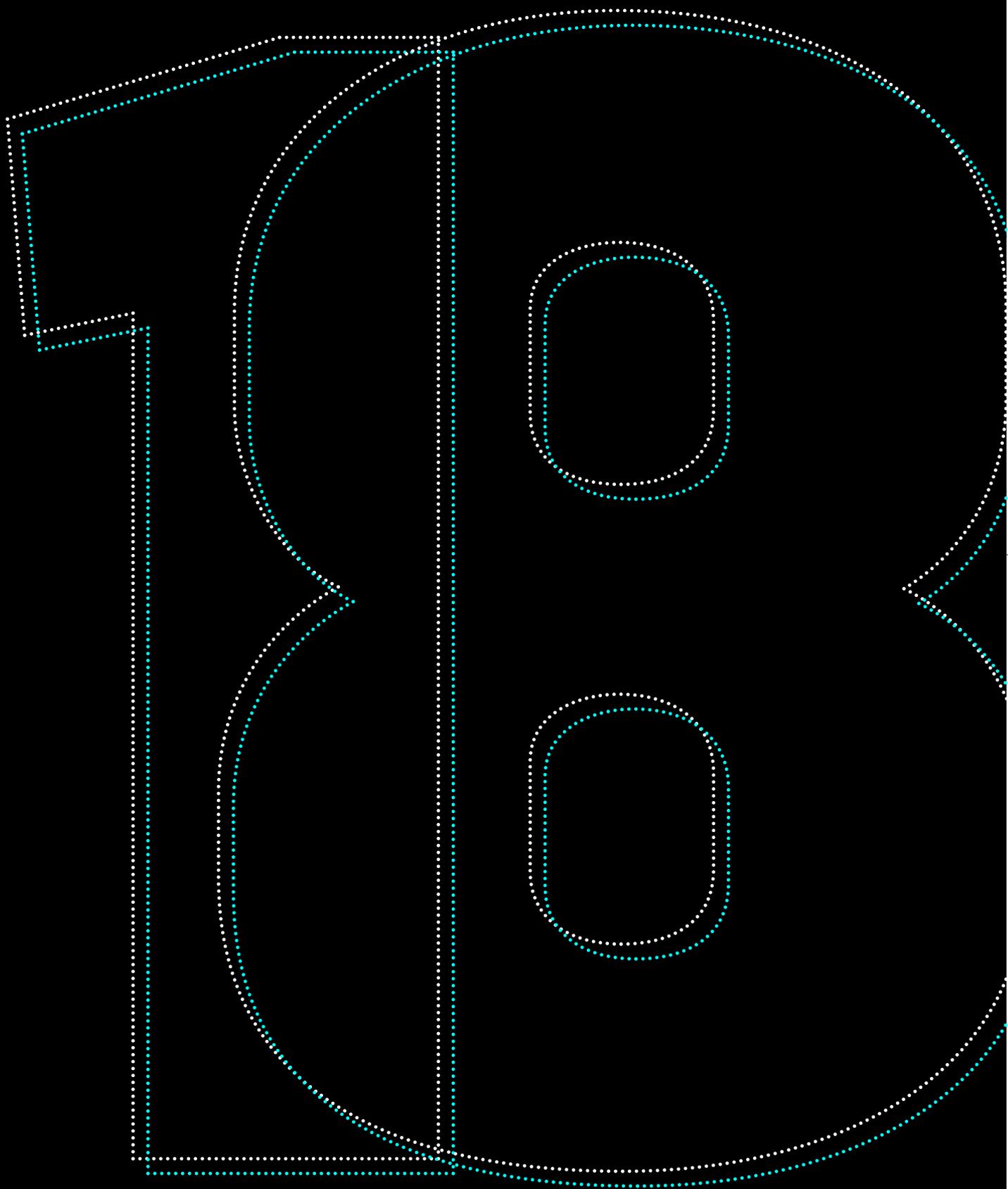
Serviço Público, Promoção da Saúde, Educação em Saúde

KEYWORDS

Public Service, Health Promotion Health, Education

IVANI NADIR VIEIRA DE CASTRO Enfermeira. Mestre em Educação (PUCRS). Servidora Escola de Gestão Pública (EGP)/Secretaria Municipal de Administração (SMA) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS/Brasil. Docente Faculdade FAE Sévigné/POA/RS/Brasil







1. INTRODUÇÃO

A análise do processo saúde/trabalho no interior das organizações está determinada – histórica e socialmente – pela dialética entre trabalho e capital. Contemporaneamente, elementos como condições ambientais e sociais, educação, saúde e segurança no trabalho tornam-se essenciais à manutenção da qualidade do exercício do trabalho e da cidadania e, portanto, transformam-se em aliados para esse entendimento.

As atividades de educação e promoção, bem como a reestruturação dos conceitos de saúde, podem ser vistas como um mecanismo de interação entre o saber científico e o popular, com o objetivo de socialização do saber científico e de reconhecimento social do saber popular (DUNCAN, 1996).

Tal processo pressupõe, para os profissionais, a relativização de seu conhecimento na busca de uma melhor compreensão do indivíduo e da coletividade, pois, somente através dessa apropriação de conhecimentos, se torna possível uma interação e intervenção consciente na realidade.

O presente artigo se trata de um estudo sobre os aspectos implicados na articulação entre promoção da saúde e trabalho, e sua interface com os programas de capacitação e qualificação contemplados pela Escola de Gestão Pública (EGP)/SMA/PMPA, na área de Saúde Ocupacional. À luz dessa revisão conceitual, propõe-se o levantamento de possibilidades de operacionalização dessas propostas, objetivando proporcionar melhor qualidade ao trabalho e à cidadania, com foco no servidor público.

2. PROMOÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A promoção da saúde entende a saúde como produto de um amplo conjunto de fatores relacionados com as características de vida. Suas atividades estariam, então, mais voltadas ao coletivo – coletivo este, compreendido num sentido amplo, como ambiente físico, social, político, econômico e cultural –, através de políticas públicas e de condições favoráveis ao desenvolvimento da saúde e do reforço da capacidade dos indivíduos e das comunidades (SUTHERLAND; FULTON, 1992 apud AYRES, 2004).

A I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde teve como principal produto a Carta de Ottawa (WHO, 1986), que define promoção da saúde como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo. Paralelo a esse conceito, o documento assume que a saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida.

De acordo com Silva (2007), o conceito de saúde deixa de ser considerado como simples ausência de doença, determinado apenas pelo caráter biológico, para adquirir evidências de relação com outros fatores que são determinantes e estão relacionados com o modo de viver das pessoas. Identifica-se, assim, a concepção de *promoção da saúde* como prática de melhorar as condições de vida do cidadão e da própria sociedade, com maior participação social no controle desse processo.



A proposição de práticas educativas sensíveis às necessidades dos indivíduos está relacionada ao modelo dialógico, no qual evidencia que é necessário conhecer os sujeitos para os quais se destinam as ações de saúde, incluindo suas crenças, hábitos e papéis, e as condições objetivas em que vivem. Assim, é preciso *envolvê-los* nas ações, o que se contrapõe a sua imposição (ALVES, 2005). Conforme o mesmo autor, o objetivo da educação em saúde não é o de *informar* para saúde, mas de *transformar* os saberes que o indivíduo já possui visando ao desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade no cuidado com a própria saúde. A partir do diálogo e intercâmbio de saberes técnico-científicos e populares, pode-se construir de forma compartilhada um saber sobre a própria saúde.

Promover saúde, portanto, significa, além de evitar doenças e prolongar a vida, assegurar meios e situações que ampliem a qualidade da vida "experienciada", ou seja, ampliem a capacidade de autonomia e o padrão de bem-estar. Assim, a nova concepção de saúde comporta uma visão afirmativa que a identifica com bem-estar e qualidade, e não simplesmente com ausência de doença. A saúde deixa de ser um estado estático, biologicamente definido, para ser compreendida como um estado dinâmico, socialmente produzido.

A Educação em Saúde é um campo multifacetado, para o qual convergem diversas concepções tanto das áreas da Educação quanto da Saúde, as quais espelham diferentes compreensões da realidade. Formalmente, estabeleceu-se como área específica na segunda década desse século, nos Estados Unidos. No Brasil, instituiu-se no âmbito da Saúde Pública, orientando novas práticas, e só mais tarde constituiu-se em área de ensino e pesquisa.

Verifica-se que dentre várias, duas dimensões destacam-se e persistem atualmente. Uma, primeira, envolve a aprendizagem sobre as doenças, como evitá-las, seus efeitos sobre a saúde e como restabelecê-la.

A outra tendência, caracterizada como promoção da saúde preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), inclui os fatores sociais que afetam a saúde, abordando os

caminhos pelos quais diferentes estados de saúde e bem-estar/mal-estar são construídos socialmente.

Dessa forma, ao conceito de educação em saúde se justapõe o conceito de promoção da saúde, como uma definição mais ampla de um processo que abrange a participação de todos os indivíduos no contexto de sua vida cotidiana, e não apenas dos indivíduos sob o risco de adoecer. Essa noção está baseada em um conceito ampliado de saúde, considerado como um estado dinâmico de busca de bem-estar, integrando os aspectos físico e mental, ambiental (identificação de fatores influenciadores do meio), pessoal/emocional/afetivo (auto-realização pessoal e afetiva) e sócio-ecológico (comprometimento com a igualdade social e com a preservação da natureza). Entretanto, a par dessa noção ampliada de saúde, observando-se a prática, verifica-se que atualmente persistem diversos modelos ou diferentes paradigmas de educação em saúde, os quais condicionam diferentes práticas, muitas das quais reducionistas e que requerem questionamentos e o alcance de perspectivas mais integradas e participativas (SCHAL, 2000).

De acordo com Stobäus e Mosquera (1984), a Educação para a Saúde faz parte da Educação como um todo e tem por objetivo conduzir os indivíduos a melhores e mais eficazes conhecimentos e práticas de saúde para uma vida mais plena (...). O valor mais importante da educação para a saúde é levar a pessoa a uma crescente humanização, almejando a sua *auto-educação através de toda a sua vida*. Dessa forma, consideramos que o processo de promoção à saúde pode ser pautado em uma perspectiva que envolva princípios básicos de ética, participação, gestão e criatividade, favorecendo o desenvolvimento de atitudes e comportamentos que visem à qualidade das relações interpessoais, respeitando o objetivo maior da saúde que é a humanização e integralidade das ações.

Avançando um pouco mais nessa linha, podemos elencar outros aspectos que se fazem presentes ao articularmos a questão da educação ao objetivo de promoção à saúde, em distintas dimensões e com diversos significados: o envolvimento cuidadoso, zeloso, responsável, com



desvelo e bom trato; confiança mútua e necessária, de caráter bilateral, estabelecendo relações singulares entre os envolvidos no processo; tomada de atitudes que demonstrem atenção, respeito, otimismo, esperança e solidariedade, não somente com palavras, mas efetivamente com ações; consideração das diferenças na relação entre as pessoas.

Nesse sentido, cabe a citação de Rogers (1997) quando visualiza uma nova possibilidade de entendimento das relações interpessoais no trabalho, nas quais estão inseridas, no contexto compreendido nesse artigo, os servidores públicos, com vistas a promoção da saúde.

Se eu posso criar uma relação caracterizada da minha parte: por uma autenticidade e transparência, em que eu sou meus sentimentos reais; por uma aceitação afetiva e apreço pela outra pessoa como um indivíduo separado; por uma capacidade sensível de ver seu mundo e a ele como ele os vê;

Então o outro indivíduo na relação: experienciará e compreenderá aspectos de si mesmo que havia anteriormente reprimido; dar-se-á conta de que está se tornando mais integrado, mais apto a funcionar efetivamente; tornar-se-á mais semelhante à pessoa que gostaria de ser; será mais autodiretivo e autoconfiante; realizar-se-á mais enquanto pessoa, sendo mais único e auto-expressivo; será mais compreensivo, mais aceitador com relação aos outros; estará mais apto a enfrentar os problemas da vida adequadamente e de forma mais tranqüila (ROGERS, 1997, p. 43).

3. SAÚDE E TRABALHO

Nesse apartado faz-se de fundamental importância contextualizar saúde e trabalho com as configurações de

organização laboral existentes, vislumbrando novas perspectivas de aproximação entre promoção e práticas de saúde com o trabalho em si, partindo de uma concepção ampliada do processo saúde/doença, orientado à intersectorialidade e transversalidade.

Para Souza et al. (1993), qualquer processo de trabalho possui uma dimensão cooperativa, que integraliza a ação e complementa o processo de produção de serviço - orientado a este fim -, e também uma direcionalidade técnica, que diz respeito aos conhecimentos científicos e ao uso de tecnologias que influenciam a produção específica do serviço. É fundamental *ressignificar* o processo de trabalho, na perspectiva da autonomização do sujeito, orientada pelo princípio da integralidade e requerendo, como ferramentas, a interdisciplinaridade, a intersectorialidade, o trabalho em equipe, a humanização dos serviços e a criação de vínculos entre os profissionais.

Stobäus e Mosquera (2004, p. 52) evidenciam que o trabalho atua como reforço da necessidade da pessoa adulta de ser gerativa - tendência a produzir algo, a cuidar de algo, alguém que prepare as próximas gerações. Esse conceito evoluiu através dos tempos, intensificando a idéia de que o trabalho desenvolve sentimentos de generosidade e satisfação, estimulando o entendimento frente ao mundo e seus contrastes e contribuindo para o desenvolvimento de uma melhor saúde psicológica e maior tolerância nas relações interpessoais. À percepção dessa realidade é que surge a interface com a educação: ao conhecimento dos fenômenos ambientais soma-se o fenômeno viver, consonante com esse contexto, proporcionando a construção de espaços de aprendizagem e reflexão.

Ao abordar-se o trabalho e suas nuances, passa-se, necessariamente, pela análise da gestão empresarial. Atualmente, utiliza-se essa nomenclatura no sentido de buscar resultados empresariais sustentáveis, considerando a complexa ótica das variáveis que compõem as práticas organizacionais, entre as quais, o arranjo produtivo, administrativo, o papel do trabalhador nesse contexto e a relação instituição-servidor. Frente a esses





aspectos, podemos nos interrogar: – O que, de fato, existe no cofre-forte da empresa? – Quais os sentimentos que movem os funcionários no mundo do trabalho e das organizações? Ao passo que poderíamos responder: – Os valores são o tesouro da empresa. Esses sentimentos - valores - são os ideais, os princípios e a filosofia, revelando a alma dos trabalhadores e da organização.

Quando os valores individuais, do grupo e da organização estão em sincronia, há a geração de muita energia. O compromisso, o entusiasmo e o estímulo são intensificados: as pessoas possuem uma razão para preocuparem-se com seu trabalho. Esses valores, quando compartilhados, são bússolas que permitem que as pessoas ajam em inter-relação, promovendo o seu desempenho e o de outrem.

Frente a esse cenário é possível refletirmos que se torna cada vez mais imperativa a implementação de projetos educacionais capazes de atualizar conhecimentos, introduzir novas tecnologias e desenvolver habilidade para o trabalho multidisciplinar, enfatizando o trabalho em equipe e as ações de vigilância e prevenção, contemplando o quadro atual de promoção da saúde, a formação inicial de base e contínua dos recursos humanos, a relação custos X qualidade, condições diversificadas de exercício profissional e diferentes vínculos de trabalho. Depreende-se, portanto, que a relação entre promoção da saúde e trabalho – no serviço público, se estabelece através da reflexão e construção progressiva de conhecimentos, operacionalizada através da prática assistencial sistematizada e do planejamento de ações qualificadas, proporcionando aos profissionais um ambiente laboral que contemple a valorização e motivação, de forma que apresentem um bom desempenho através de suas competências, produtividade e satisfação no trabalho.

Cabe pontuar que as reflexões relacionadas à educação e à promoção da saúde são uma constante na organização do trabalho, caracterizando-se por estratégias contínuas e dinâmicas de formação/ação, nas quais a presença do outro e as interações profissionais têm seus horizontes expandidos. É necessário superar a visão individualista, partindo em direção a dimensões coletivas,

institucionais e estruturais de intervenção que, uma vez sem o entendimento dessas dimensões, permanecem em caráter estático e imutável.

Considerando o processo de aprendizagem proposto pelos programas de capacitação e qualificação em Saúde, na Escola de Gestão Pública (EGP)/SMA/PMPA, observam-se extensas possibilidades para o estabelecimento de rearranjos por meio das relações plurais, em nossos espaços de educação formal e informal, através da formação continuada em serviço.

À visualização do cenário histórico da Escola, nota-se que, desde o ano de 2005, a EGP investe em projetos direcionados à Saúde e Segurança no Trabalho, tais como:

- *Capacitações*: Adoecimento Psíquico nas Relações de trabalho, EPI (Equipamentos de Proteção Individual), Ergonomia, Gerenciamento de Resíduos, Gestão em Saúde e Segurança no Trabalho Mapa de Risco, Humanização dos Processos de Trabalho em Saúde, NR10 (eletricidade), NR33 (espaços confinados), Prevenção à Dengue, Prevenção e Combate a Incêndios, O envelhecimento na população de POA, Técnicas de Higienização de Ambientes de Trabalho.

- *Palestras*: Relações de Trabalho e Saúde Mental, Saúde Vocal, Sedentarismo.

- *Seminários*: Dependência Química para Gestores, Pensando a Saúde e Segurança do Trabalho.

Nesse intermédio, torna-se importante ressaltar a parceria da EGP e Coordenação de Qualidade de Vida (CQV)/SMA, cuja interface permitiu o desenvolvimento de projetos, como por exemplo: I, II, III Seminário de Segurança no Trabalho, Palestras sobre Saúde da Mulher, Seminário Faça Você Mesmo, Palestra sobre Equidade e Ativismo da Mulher.

Em 2009, mediante revisão da estrutura organizacional, a EGP optou por definir as áreas de atuação, conforme demonstrado pelo gráfico a seguir, vinculando o eixo de Saúde e Segurança à Gestão de Pessoas:



<p>EIXO GESTÃO DE PESSOAS</p> <p>gerencial</p> <p>gestão de estagiários</p> <p>idiomas e linguagem</p> <p>cargos e funções</p> <p>saúde e segurança</p>	<p>EIXO E GESTÃO PÚBLICA</p> <p>legislação</p> <p>técnica administrativa</p> <p>gestão participativa</p> <p>gestão estratégica</p> <p>comunicação institucional</p>	<p>EIXO EDUCAÇÃO</p> <p>métodos e técnicas de ensino</p> <p>educação formal</p>	<p>EIXO INFORMÁTICA</p> <p>introdução à informática</p> <p>aplicativos</p> <p>operacionalização de sistemas</p>
---	---	---	---

Prospectivamente, a EGP focaliza para 2011 o desenvolvimento de conteúdos, na área de Saúde e Segurança, pautados em temas como, por exemplo, A Humanização sob a Ótica da Saúde do Trabalhador: Uma Interface Possível Envolvendo as Relações de Trabalho, A Organização do Trabalho e a Gestão Preventiva dos Riscos Psicológicos e Psicossociais no Trabalho, Biossegurança em Contexto de Trabalho, EPIs, Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho, Mapa de Riscos Ambientais como Ferramenta de Gestão, Socorrismo Básico de Urgência e Prevenção a Incêndios.

Outrossim, o objetivo dessa análise – Promoção da Saúde no serviço público e sua interface com os programas desenvolvidos pela EGP/SMA/PMPA –, está pautado na preocupação em desenvolver um ambiente de trabalho que proporcione satisfação ao funcionário da organização em foco e, conseqüentemente, estimule e subsidie o progresso do profissional na promoção da prática integral em saúde frente à complexidade dos conceitos coletivamente produzidos.

4. CONSIDERAÇÕES

Constatamos, a partir dos resultados dessa análise, que há aspectos comuns entre as questões relativas à educação, promoção da saúde e o trabalho, e que suas aproximações, no contexto da esfera pública, são viáveis. Nesse ínterim, relações podem ser estabelecidas através de saberes transdisciplinares, considerando a dimensão subjetiva nesse processo.

Vale ressaltar ainda que o desenvolvimento dessas análises busca conciliar duas abordagens, unindo a corrente dos estudos sobre promoção da saúde encontrada principalmente na literatura da Educação e Saúde, à corrente de estudos envolvendo o trabalho, encontrada na literatura da Psicologia Social. Essas duas áreas desenvolveram teorias e pesquisas sobre esses temas de maneira paralela e a união das duas pode enriquecer a compreensão desse fenômeno, como vem sendo apontado nas literaturas, inclusive, de cunho administrativo e de gestão empresarial.

Finalmente, os modelos de projetos pedagógicos adotados pela EGP, nessa área de atuação – Saúde e Segurança/Promoção da Saúde –, constituem-se como uma



vigorosa e adequada opção de educação contínua, com amplas possibilidades de aplicações no âmbito das relações humanas, no campo da Psicologia, da Pedagogia, do trabalho com grupos e na organização pública, redimensionando os conceitos de promoção da saúde e tra-

balho – através da *construção/reconstrução* coletiva de conceitos envolvendo saúde e trabalho –, e possuindo como personagem principal desse processo de aprendizagem, o servidor público.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vânia Sampaio. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. Interface: *Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, SP: v.9, n.16, p.39-52, set.2004/fev. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a04.pdf>>. Acesso em 29 mai. 2007.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Care and reconstruction in healthcare practices. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.8, n.14, p.73-92, set.2003-fev.2004.; Disponível em: <<http://www.interface.org.br/ingles/revista14/ensaio4.pdf>>. Acesso em 22 abr.2008.
- BRASIL. *A Humanização como Eixo Norteador das Práticas de Atenção e Gestão em Todas as Instâncias do SUS – HUMANIZASUS*. Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- CASTRO, Ivani N.C. *Afetividade nas relações de trabalho em um serviço de saúde da rede municipal de Porto Alegre*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2009.
- DUNCAN, Bruce B. et al. *Medicina ambulatorial: condutas clínicas em atenção primária*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- LAGES, Mariana N.; CASTRO, Ivani N. V. A educação para saúde como fator motivacional para o autocuidado. *Anais 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde. Porto/Portugal: 2008.
- MINAYO, M.C.S (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MOSQUERA, J.; STOBÄUS, C. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. *Educação*. Porto Alegre: ano 29 n. 58, p. 123-133, jan./abr. 2006.
- MOSQUERA, J.; STOBÄUS, C. *Educação para a saúde: desafio para sociedades em mudança*. 2 ed. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1984.
- PEREIRA, Marta Cristiane Alves; FÁVERO, Neide. A motivação no trabalho da equipe de enfermagem. *Rev. Latino-Americana de Enfermagem*, v.9, n.4, Ribeirão Preto, 2001. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-11692001000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 mai 2009.
- ROGERS, Carl. *De pessoa para pessoa: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1977a.
- _____. *Liberdade para aprender*. 4. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977b.
- _____. *Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1983a.
- _____. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983b.
- _____. *Liberdade de aprender em nossa década*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____. *Tornar-se pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SÃO PAULO. *Educação em Saúde - Planejando as Ações Educativas (Teoria e Prática)*. 1997. Disponível em: <ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/educacao.pdf>. Acesso em 25 jun. 2007.
- SCHAL, Virgínia et al. Educação em saúde: novas perspectivas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. Goiás: v.2, n.1, Editorial, 2000.
- STOBÄUS, C.; MOSQUERA, J. In: ENRICONE, D. (Org.). *Ser professor*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- WHO. Carta de Ottawa. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE/FIOCRUZ. *Promoção da Saúde: Cartas de Ottawa*. Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá. Ministério da Saúde/IEC. Brasília: 1986 p.11 – 18.